



**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**

# **II Seminário Internacional**

## **Sociedade Inclusiva**

### **Anais**

**Belo Horizonte**  
**22 a 26 de outubro de 2001**

## PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

**Grão-Chanceler:** Dom Serafim Fernandes de Araújo  
**Reitor:** Prof. Pe. Geraldo Magela Teixeira  
**Vice-reitor:** Eustáquio Afonso Araújo  
**Decano:** Caio Cesar Bosch  
**Chefe de Gabinete do Reitor:** Mário Lúcio Vieira da Silva  
**Pró-reitores:** *Extensão* – Bonifácio José Teixeira; *Gestão Financeira* – Janete Lara de Oliveira Bertucci; *Graduação* – Maria Inês Martins; *Infra-estrutura* – Rômulo Albertini Rigueira; *Logística* – José Márcio de Castro; *Pesquisa e de Pós-graduação* – Léa Guimarães Souki; *Planejamento e Desenvolvimento Institucional* – Carlos Francisco Gomes; *Recursos Humanos* – Maria Luiza Fátima Costa Proença Doyle; *Arcos* – Wanderley Chieppe Felipe; *Betim* – Carmen Luiza Rabelo Xavier; *Contagem* – Geraldo Márcio Guimarães; *Poços de Caldas* – Geraldo Rômulo Vilela Filho; *São Gabriel* – Paulo Sérgio Martins Alves  
**Diretores:** *Barreiro* – Patrícia Bernardes; *Serro* – Ronaldo Rajão Santiago  
**Secretaria de Comunicação:** Ana Luísa de Castro Almeida  
**Secretaria Geral:** Flávio Augusto Barros  
**Secretaria de Ação Comunitária:** José Chequer Neto



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
Pró-reitoria de Extensão  
Av. Dom José Gaspar, 500 – Coração Eucarístico  
Caixa postal: 1.686 • Tel: (31) 3319.4220 • Fax: (31) 3319.4129  
30535-610 • Belo Horizonte • Minas Gerais • Brasil



**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**

# **II Seminário Internacional**

## **Sociedade Inclusiva**

### **Anais**

**Belo Horizonte**  
**22 a 26 de outubro de 2001**

## Comissão organizadora

Ana Tereza Britto  
Antônio Aurélio Oliveira Costa  
Antônio Moreira de Carvalho Neto  
Armindo dos S. de Souza Teodósio  
Beatriz Lima  
Bonifácio José Teixeira  
Carlos Aurélio Faria  
Carlos Roberto Jamil Cury  
Carlota Smith  
Cláudio Lister Bahia  
Daniel Augusto dos Reis  
Daniela Soares Hatem  
Denílson Laudaes  
Éderson Bustamante  
Elenice Zuin  
Fábio Alves dos Santos  
Guilherme Mascarenhas Maciel  
José Alfredo Baracho Júnior  
Juliana Alves Assis  
Jussara Alves Cardoso  
Leonardo de A. Pereira  
Luiz Henrique Martins  
Lutiana Nacur Lorentz  
Luzia Maria Werneck de Almeida Marques  
Luzimar Rangel  
Manuel Palhares Moreira  
Marcelo Campos Galuppo  
Maria Cristina Seixas Vilani  
Maria de Lourdes Matencio  
Maria Helena de Andrade Magalhães  
Maria Helena Carneiro de Paula  
Maria José Teixeira  
Maria Margarida Barbosa  
Mário Campos  
Marli Maria Mendes Nunes  
Perrin Smith Neto  
Renata Vasconcelos  
Rosa Maria Corrêa (Coordenadora)  
Tereza Neves Ribeiro  
Vânia Loureiro Silva

---

S471a Seminário Internacional Sociedade Inclusiva PUC Minas (2.:  
2001 : Belo Horizonte)  
Anais. – Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.  
342p.  
Bibliografia

1. Sociedade Inclusiva – Congressos. 2. Deficientes –  
Direitos civis – Congressos. 3. Inclusão em educação –  
Congressos. I. Pontifícia Universidade Católica de Minas  
Gerais. II. Título.

CDU: 362.2

---

Bibliotecária: Eunice dos Santos – CRB 6/1515

# Sumário

Programa .....	8
Apresentação .....	11
Abertura	
<i>Pe. João Batista Libanio</i> .....	13
<i>Prof. Pe. Geraldo Magela Teixeira</i> .....	21

## PALESTRAS

Meio ambiente e responsabilidade empresarial: pontos para uma agenda <i>Nelson Carvalho</i> .....	25
Acessibilidade <i>Ismaelita Maria Lima</i> .....	44
A evolução dos direitos humanos e as pessoas com necessidades especiais <i>José Alfredo de Oliveira Baracho</i> .....	62
Globalização, exclusão social, democracia <i>Friedrich Müller</i> .....	71
Os usos sociais da escrita e a educação inclusiva no Brasil <i>Angela Bustos Kleiman</i> .....	84

## MESAS-REDONDAS

### EDUCAÇÃO INCLUSIVA

<i>Agamenon José Siqueira</i> .....	105
<i>Agnela da Silva Guista</i> .....	108
<i>Antônio David de Souza Júnior</i> .....	112
<i>Antônio Lino Rodrigues de Sá</i> .....	116
<i>Rosa Maria Corrêa</i> .....	119
<i>José Salomão Schwartzman</i> .....	123
<i>Maria Tereza Eglér Mantoan</i> .....	124
<i>Rosimar Bortoline Poker</i> .....	127

### DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

<i>Ignacio Godinho Delgado</i> .....	135
<i>Marcelo Campos Galuppo</i> .....	138
<i>Ismaelita Maria Alves de Lima</i> .....	143
<i>Aylton Krenak</i> .....	147
<i>José Adércio Leite Sampaio</i> .....	149
<i>Marcos Antônio Cardoso</i> .....	152
<i>Maria Cristina Bove Roletti</i> .....	160
<i>Mônica C. B. Tófani</i> .....	166

## TECNOLOGIA ASSISTIVA

<i>Saulo Augusto de Paula Pinto</i>	
<i>Mário Fernando Montenegro Campos</i> .....	175
<i>Miryan Bonadiu Pelosi</i> .....	183
<i>Nivânia M. Melo Reis Cripim</i> .....	188
<i>Maria de Nazaré Freitas Pereira</i> .....	190
<i>Osmar Campos</i> .....	193
<i>Marta Gil</i> .....	194
<i>Dayzon Dizani Silva</i> .....	198

## SAÚDE E INCLUSÃO

<i>Helvécio Magalhães Júnior</i> .....	203
<i>Otaviano Augusto de Paula Freitas</i> .....	210
<i>Raldo Bonifácio Costa Filho</i> .....	213
<i>Eduardo Barbosa</i> .....	218
<i>Francisco Carlos Félix Lana</i> .....	227
<i>José Carlos Lassi Caldeira</i> .....	241
<i>Leane Souza Máximo Pereira</i> .....	243
<i>Maria Inês Freitas Coelho</i> .....	245

## TRABALHO E GESTÃO DE PROJETOS INCLUSIVOS

<i>François-Xavier Berthou</i> .....	249
<i>Maria Aparecida Gugel</i> .....	253
<i>Ricardo Tadeu Marques da Fonseca</i> .....	259
<i>Osmani Teixeira de Abreu</i> .....	261

## ACESSIBILIDADE E ENSINO

<i>Flávio Carsalade</i> .....	267
<i>Leonardo Barci Castriota</i> .....	271
<i>Marcos Tulio de Mello</i> .....	276
<i>Teodomiro Diniz Camargos</i> .....	280
<i>Itamar Kalil</i> .....	283
<i>João Júlio Vitral Amaro</i> .....	285
<i>Mário Sérgio Correa Dias</i> .....	287
<i>Wilson Ribeiro dos Santos Júnior</i> .....	289

## A INCLUSÃO DAS PESSOAS EXCLUÍDAS NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL: ESTRATÉGIAS E PARCERIAS POSSÍVEIS

<i>Célio da Cunha</i> .....	295
<i>Roberto Aguiar</i> .....	301

## ESPORTE, CULTURA E INCLUSÃO

<i>Ivone Maria Diniz</i> .....	309
<i>Albertina Brasil Santos</i> .....	311
<i>José Roberto Carvalho Barbosa</i> .....	315
<i>Dietmar Samulski</i> .....	317

## INCLUSÃO RACIAL NO BRASIL

<i>Benilda Regina Paiva de Brito</i> .....	321
<i>Ivanir dos Santos</i> .....	328
<i>Marcos Tereza</i> .....	334
<i>Ricardo Henriques</i> .....	337
<i>Roberto Borges Martins</i> .....	341

# Programa

## OUTUBRO • 22 • Segunda-feira

8h Minicursos

13h Minicursos

20h Sessão solene de abertura

Padre João Batista Libanio

Prof. Pe. Geraldo Magela Teixeira, Magnífico Reitor da PUC Minas

## OUTUBRO • 23 • Terça-feira

8h Palestra

*Meio ambiente e responsabilidade empresarial:*

*pontos para uma agenda*

Nelson Carvalho (SP)

Coordenadora: Lea Souki

10h30 Mesa-redonda

*Educação inclusiva*

Coordenadora: Magda Maria Diniz Tezzi

Agamenon José Siqueira

Agnela da Silva Guista

Antônio David de Souza

Antônio Lino Rodrigues de Sá (MS)

14h Apresentação de trabalhos

16h30 Mesas-redondas

1ª Mesa – *Direitos humanos e cidadania*

Coordenadora: Wilba Lúcia Maia Bernardes

Ignacio Godinho Delgado (JF)

Marcelo Campos Galuppo

Ismaelita Maria Alves de Lima (Brasília)

2ª Mesa – *Tecnologia assistiva*

Coordenadora: Elenice Zuin

Saulo Augusto de Paula Pinto

Maria de Mello – Technocare

Miryan Bonadiu Pelosi (RJ)

Nivânia Melo Reis Cripim

## OUTUBRO • 24 • Quarta-feira

8h Palestra

*Acessibilidade*

Ismaelita Maria Alves de Lima (Brasília)

Coordenador: Cláudio Lister Bahia

10h30 Mesas-redondas

1ª Mesa – *Saúde e inclusão*



Coordenadora: Renata Campos Vasconcelos  
Helvécio Magalhães Júnior  
Otaviano Augusto de Paula Freitas  
Raldo Bonifácio Costa Filho (Brasília)  
2ª Mesa – *Trabalho e gestão de projetos inclusivos*  
Coordenadora: Lutiana Nacur Lorentz  
François-Xavier Berthou  
Maria Aparecida Gugel (Brasília)  
Ricardo Tadeu Marques da Fonseca (Campinas)  
Osmani Teixeira de Abreu

14h

16h30

Apresentação de trabalhos  
Mesas-redondas  
1ª Mesa – *Acessibilidade*  
Coordenadora: Simone Montez Pinto Monteiro  
Flávio Carsalade  
Leonardo Barci Castriota  
Marcos Tulio de Mello  
Teodomiro Diniz Camargos  
2ª Mesa – *Educação inclusiva*  
Coordenadora: Rosa Maria Corrêa  
José Salomão Schwartzman (SP)  
Maria Tereza Égler Mantoan (Campinas)  
Rosimar Portoline Poker (SP)

OUTUBRO • 25 • Quinta-feira

8h

Palestra  
*A evolução dos direitos humanos e as pessoas com necessidades especiais*  
José Alfredo de Oliveira Baracho  
Coordenador: José Alfredo Baracho Júnior

10h30

Palestra  
*Globalização, exclusão social, democracia*  
Friedrich Müller  
Mesas-redondas  
1ª Mesa – *Saúde e inclusão*  
Coordenadora: Luzimar Rangel  
Eduardo Barbosa  
Francisco Carlos Félix Lana  
José Carlos Lassi Caldeira  
Maria Inês Freitas Coelho  
2ª Mesa – *Acessibilidade e ensino*  
Coordenador: Leonardo de Araújo Pereira  
Itamar Kalil (RJ)  
João Júlio Vitral Amaro  
Mário Sérgio Correa Dias  
Wilson Ribeiro dos Santos Júnior (Campinas)

14h Apresentação de Trabalhos  
16h30 Mesas-redondas  
1ª Mesa – *A inclusão das pessoas excluídas no contexto do desenvolvimento social: estratégias e parcerias possíveis*  
Coordenador: Luiz Carlos do Nascimento  
Célio da Cunha  
Roberto Aguiar (Recife)  
2ª Mesa – *Esporte, cultura e inclusão*  
Coordenador: Daniel Augusto dos Reis  
Ivone Maria Diniz (Brasília)  
Albertina Brasil Santos (RJ)  
José Roberto Carvalho Barbosa (Santa Luzia)  
Dietmar Samulski

OUTUBRO • 26 • Sexta-feira

8h Palestra  
*Os usos sociais da escrita e a educação inclusiva no Brasil*  
Ângela Bustos Kleiman (Campinas)  
Coordenadora: Luzia Werneck  
10h30 Mesas-redondas  
1ª Mesa – *Tecnologia assistiva*  
Coordenador: Perrin Smith Neto  
Maria de Nazaré Freitas Pereira  
Osmar Campos Ferreira  
Marta Esteves de Almeida Gil (SP)  
Dayzon Dizani Silva  
2ª Mesa – *Inclusão racial no Brasil*  
Coordenador: Carlos Aurélio Pimenta de Faria  
Benilda Regina Paiva de Brito  
Ivanir dos Santos (RJ)  
Marcos Terena (Brasília)  
Ricardo Henriques (Brasília)  
Roberto Borges Martins (Brasília)  
14h Mesa-redonda  
*Cidadania*  
Coordenador: Carlos Roberto Jamil Cury  
Aylton Krenak (Nova Lima)  
José Adércio Leite Sampaio  
Marcos Antônio Cardoso  
Maria Cristina Bove Roletti  
Mônica C. B. Tófani  
16h30 Sessão plenária  
18h Sessão solene de encerramento

# Apresentação

**C**ontinuamos a falar em sociedade inclusiva para buscar uma sociedade mais justa e democrática, que inclua a todos, sem discriminação, e onde cada um seja considerado, respeitado e valorizado em sua diferença. Como diz Boaventura de Souza Santos, “temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”.

O II Seminário Internacional Sociedade Inclusiva, realizado pela PUC Minas de 22 a 26 de outubro de 2001, teve como objetivo expor e debater o tema da inclusão no campo da educação, saúde, trabalho, acessibilidade, tecnologia e cidadania, além de realizar um balanço das políticas públicas e das ações da sociedade civil e da iniciativa privada em prol da construção de uma sociedade inclusiva. Especialistas renomados de diversas áreas do conhecimento, de órgãos governamentais e não governamentais, reuniram-se e trouxeram sua contribuição e seu testemunho.

As palestras e mesas-redondas apresentadas no seminário são matéria destes Anais. Os trabalhos estão inseridos desde a época do evento no *site* [www.sociedadeinclusiva.pucminas.br](http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br). Infelizmente não pudemos publicá-los neste livro, cujo número de páginas definido não os comportaria na íntegra. O leitor terá acesso ao título dos trabalhos e ao nome de seus autores no programa do evento e poderá buscar aquele que deseja no *site* acima.

Temos o prazer de compartilhar com os leitores os diferentes pensamentos que buscam a democracia nos **Anais** ora publicados.



# Abertura

*Pe. João Batista Libanio\**

**N**ada mais simbólico para abrir este Seminário Internacional sobre a Sociedade Inclusiva do que o cantar inocente de um coral infantil. Sociedade em que as crianças na sua pureza ou já machucadas pela vida na rua, os doentes, os pobres, os anciãos, os deficientes, os inválidos, os perturbados mentais e tantos outros marcados pela limitação não tenham seu lugar, não só qualquer, mas todo especial e bem cuidado, não merece o nome de inclusiva.

A. Ratzka, no Primeiro Seminário Internacional sobre esse mesmo tema, definiu a sociedade inclusiva de maneira bem ampla. “É uma sociedade para todos, independentemente de sexo, idade, religião, origem étnica, raça, orientação sexual ou deficiência; uma sociedade não apenas aberta e acessível a todos os grupos, mas que estimula a participação; uma sociedade que acolhe e aprecia a diversidade da experiência humana; uma sociedade cuja meta principal é oferecer oportunidades iguais para todos realizarem seu potencial humano” (A. D. Ratzka, A história da sociedade inclusiva na Europa, in *Sociedade Inclusiva*, PUC Minas, Seminário Internacional, 29/9/2002 de 1999, *Anais*, Belo Horizonte, PUC Minas, 2001, p. 21).

Impõe-se-nos o fato da exclusão. Aí estão os dados na sua evidência a ponto de não se necessitar de maiores esclarecimentos. Face a ele, levantamos duas perguntas centrais:

Qual é o mais decisivo princípio da exclusão nos nossos dias?

Como responder positivamente a tal desafio, encontrando o verdadeiro princípio de inclusão?

## PRINCÍPIO DE EXCLUSÃO

A exclusão é uma realidade de todos os tempos e espaços. Sempre houve exclusão na história da humanidade, e de muitos e diferentes modos.

---

\* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor de Teologia do Centro de Estudos Superiores de Belo Horizonte.

A exclusão política perpassa a vida dos Estados. Um partido ganha as eleições e exclui todos os outros do governo. Dentro de um próprio partido, alas divergentes digladiam-se. As ideologias na defesa ferrenha de interesses grupais segregam os opositores. Enfim, em todos os cantos da política aparece esse fenômeno de marginalização dos adversários.

A cultura ocidental primou tristemente por sua aventura civilizatória de exclusão de todas as outras culturas. Ora as destruía, ora as recalrava, ora as impedia de se manifestarem. A convicção orgulhosa de superioridade vedava-lhe qualquer compreensão interna das outras culturas. Impunha-lhes sua língua e visão de mundo. O dominador nunca aprende a língua do dominado nem assimila-lhe a cultura.

O racismo persiste até hoje na sua vergonhosa ideologia da superioridade da raça ariana. O nazismo e os *apartheids* levaram ao paroxismo a exclusão racial. Que o negro, o índio, o chicano nos digam quanto têm sofrido por causa dessa segregação racial! Nas últimas conjunturas políticas, o árabe entra dolorosamente na lista dos marginalizados raciais e religiosos, apesar de discursos oficiais conciliadores.

O machismo continua vivo em muitos lugares, pondo a mulher fora de uma série de atividades e direitos. Tal forma de exclusão tem produzido uma justa reação por parte dos movimentos feministas.

Certas doenças sempre apareceram como uma pecha, levando a sociedade a excluir seus portadores do convívio humano. De modo patente, as enfermidades real ou supostamente contagiosas e os doentes mentais sofreram e ainda sofrem o estigma da separação. Maneiras mais sutis da sociedade excluem todos os deficientes, dificultando-lhes a vida ou pensando todas as coisas unicamente para os sadios. Que dificuldades de locomoção para um deficiente nas nossas calçadas, edifícios, escolas, repartições públicas, meios de transportes! Quase nada do que se constrói os leva em consideração.

A moral e a religião fizeram e fazem ainda coro com todas essas formas de exclusão na sua intransigência, na sua ortodoxia, criando os exércitos de hereges, cismáticos, excomungados. Hoje as feridas são simbólicas, mas, em outros tempos, muitos desses *outsiders* pagaram com a vida, em uma fogueira, a exclusão religiosa ou moral.

Recordar todas essas exclusões revela-nos traços profundos históricos de nosso ser humano. Por mais sociais que sejamos, dorme em nós um rancor interior que aflora freqüentemente sob a forma de rejeição dos diferentes, do estrangeiro, do estranho.

Diante desses exemplos, brota a pergunta: qual é hoje a mais ampla e grave forma de exclusão? Há, por acaso, novidade na exclusão dos nossos dias?

Embora, na prática, os Estados contradigam muitos dogmas do neoliberalismo, não há dúvida de que se impõe, em muitos setores, sobretudo naqueles que afetam as camadas, países e continentes pobres, a lei absoluta do mercado. Sob o nome

de neoliberalismo, reina no mundo econômico a centralidade do mercado. O mercado, como uma realidade total, atinge todos os aspectos da vida humana. O princípio fundamental da exclusão hoje é o mercado total. Alguém é tanto mais excluído, quanto menos participa do mercado. Ser excluído do mercado é estar fora da vida moderna.

A importância do mercado vem de sua múltipla função na sociedade capitalista neoliberal. Quem o desconhece priva-se de todos os seus benefícios e sofre os malefícios opostos.

O mercado cumpre uma função de conhecimento. Ninguém melhor do que o consumidor para dizer para uma empresa ou fábrica se seu serviço corresponde ou não aos seus anseios. O mercado obriga que a empresa se atualize continuamente a respeito das últimas descobertas tecnológicas. Ela depende dos centros de excelência no campo das pesquisas. Fora daí o atraso. Na linguagem ideológica neoliberal, fora do mercado está-se na era jurássica, como verdadeiro dinossauro.

No campo da economia, o mercado mostra todo seu potencial. Derrotou definitivamente o socialismo estatizante. Favorece a concorrência, a produção em maior quantidade e melhor qualidade, a livre iniciativa criadora, a competência, a eficiência. Mercado e lucro casam-se bem, azeitando o progresso econômico. De novo, fora daí o fracasso, a decadência, a obsolescência tecnológica, a lentidão produtiva, a incompetência administrativa, a má qualidade dos produtos. No fundo, a morte econômica.

O mercado exerce enorme força ideológica de motivação. A. Smith não se envergonhou, no realismo britânico, de apostar no egoísmo dos indivíduos para o surgimento do bem comum por obra da mão invisível do mercado-lucro. O mercado acena com lucros, com dinheiro e atrás dele com todos os bens. Exerce força enorme de sedução. A solidariedade nasce a fórceps pelas mãos do Estado. Anuncia-se, então, a vitória do mercado livre sobre sua estatização.

Por fim, o mercado cumpre uma função de nível superior: ética e religiosa. Já não se fala de justiça sem mais. Quem a regula é o mercado. Cria-se um vocabulário religioso que o envolve, termos como sacrifício necessário para chegar ao paraíso do consumo, salvação das firmas que se acomodam às leis do mercado, condenação das preguiçosas que não se modernizaram. Enfim, não é difícil descobrir uma teologia subjacente à linguagem do mercado.

Conclusão: ocupando o mercado tal função de regra absoluta na sociedade capitalista neoliberal, alguém é tanto mais excluído quanto menos consegue ter acesso ao mercado. Dito de modo positivo, alguém é tanto mais incluído na sociedade neoliberal, quanto mais se insere no mercado.

Surgem diante dessa realidade as perguntas: Será, então, que a resposta ao problema da exclusão, hoje, significa ampliar ao máximo a inclusão no mercado? O dia em que todos forem incluídos no mercado, acabará a exclusão?

A resposta é um rotundo não. A sociedade do mercado neoliberal é por natureza excludente. Não se sairia do círculo da exclusão. Incluir mais gente no mercado diminuiria o número daqueles excluídos. Mas não tocando os mecanismos de exclusão, estar-se-iam produzindo outros novos excluídos. Durante uma epidemia, cada enfermo curado diminui o número dos atingidos por ela. Mas, se não se estanca a sua fonte, novos e novos doentes surgirão, semelhante à inclusão no mercado.

A exclusão do neoliberalismo não é conjuntural, mas, sim, estrutural. Não se supera com paliativos. O processo produtivo do capitalismo avançado implica um ciclo que perfaz sucessivas etapas. A concorrência leva as empresas a sofisticarem cada vez mais seus produtos. Com isso, eles se fazem para minorias, excluindo os consumidores comuns. Muitos setores sociais, que incluíam pessoas no sistema, não são produtivos e, por isso, são deixados de lado. O princípio do saneamento das empresas, o ciclo desejo-tecnologia-produto, favorece os de poder aquisitivo maior. Por estrutura, esses dogmas são excludentes.

O sistema funciona, por outro lado, com uma produção de bens rapidamente perecíveis e favorece o desperdício para fazer circular mais capital. Uma sociedade que visasse ao bem de todos teria que pregar a parcimônia e a redistribuição de capital. Isso impediria o sistema de avançar na direção proposta pelo neoliberalismo.

Então qual é o princípio da inclusão? Não é o do mercado, mas um princípio alternativo a ele.

## **PRINCÍPIO DA INCLUSÃO**

Aqui está a enorme dificuldade da mudança social. Em uma imagem futebolística, seria como se um técnico com uma equipe que estivesse vencendo a mudasse para que o adversário mais fraco pudesse empatar ou mesmo ganhar. Seria um técnico considerado louco.

Se os técnicos da sociedade neoliberal vêem que ela está ganhando o jogo, os mais ricos e poderosos continuam faturando mais, são eles que estruturam o sistema, como quererão mudá-lo? O sistema vai economicamente bem para os poderosos. Haja vista os lucros gigantescos do capital financeiro, mesmo nos momentos de crise, para muitos setores da sociedade.

O princípio de inserção deve ser ditado pelos excluídos da sociedade. Só eles são capazes de dizer como se pensar uma sociedade inclusiva. Só os portadores de deficiência física e os com eles comprometidos são capazes de dizer que mudanças no tráfego, nas construções se fazem necessárias para eles viverem bem na sociedade. Como os lépidos pensarão em rampas, em veículos apropriados para deficientes?

Os excluídos têm menos força de organização e pressão, precisamente porque



são excluídos. Quanto mais alguém é incluído na sociedade, maior é seu poder, e quanto mais excluído, menos poder. Então nada leva a crer que os poderosos pressionem na direção oposta de seus lucros fabulosos por simples solidariedade com os excluídos. Os excluídos, por sua vez, têm dificuldade de pressionar.

Então não há saída? A partir do sistema, não. Mas há luzes que despontam no horizonte. Elas nos permitem esperar por mudanças. Convidam-nos a riscar um fósforo para que uma floresta de pontos luminosos acenda a esperança em nossos corações.

Cresce a consciência de que se vive o esgotamento do processo civilizatório do Ocidente, do qual o capitalismo avançado, neoliberal é, quem sabe, a última flor, que, na linguagem do poeta, “é, ao mesmo tempo, formosura e sepultura”. O atentado terrorista às Torres Gêmeas do World Trade Center e ao Pentágono aguçou tal consciência. O centro do Império que se julgava absolutamente firme, imune e defendido, de repente, tornou-se alvo “fácil” de um grupo de jovens, armado somente com facas e estiletos. O Antraz tem mostrado as infinitas possibilidades de ações semelhantes. A força bruta, a indústria armamentista, o império arrogante do dinheiro e a prepotência não parecem suficientes para defender uma nação nem uma civilização.

A humanidade está a pedir novos caminhos que não sejam do atual sistema, edificado na força dos poderosos, a despeito de toda justiça e solidariedade.

Assiste-se a um duplo movimento paradoxal. Ao mesmo tempo o sistema perde o freio da regulação e força o acelerador da emancipação. Os dois movimentos possibilitam uma transformação a um prazo mais curto do que o imaginado.

O triunfo absoluto do mercado tem produzido uma mercantilização das relações humanas, afetivas e religiosas, tornando a vida humana insuportável. Os jornais comentam que, depois da queda das Torres nos EUA, os americanos estão a descobrir o amor, a intimidade, as relações pessoais a ponto de falar-se em um *baby boom*. Quem diria!

Talvez venham a perceber que o que lhes veda essa dimensão da vida é precisamente o sistema que defendem, propugnam e no qual vivem. Não são atos isolados que mudam um sistema, porém eles já abrem sinais de esperança.

A exclusão de camadas sociais, de regiões, de países e de continentes ou parte de continentes torna-se eticamente insuportável. Cresce exponencialmente o número dos excluídos. A degradação da exclusão faz-se mais escandalosa. Acredita-se no senso ético das pessoas. Espera-se que ele ecloda, provocando um repensamento de todo o sistema.

Muitos fatores culturais colaboram para o emergir de uma nova consciência planetária. O elitismo do atual sistema, destruidor do planeta Terra, vê-se altamente questionado por uma visão de mundo que abraça não só todos os seres humanos, mas todo o cosmos.

Os antropólogos colaboram muito, desfazendo os preconceitos de superiori-

dade da cultura ocidental em relação às outras. Não há superioridade cultural, mas diferença. Os excluídos, em sua cultura, conservam e desenvolvem valores que a cultura moderna avançada perdeu e destruiu. Aprende-se muito deles. São sementes de renovação.

A alternativa vai, portanto, na direção de uma sociedade inclusiva, tema deste Seminário. Muitos são os caminhos da inclusão que não passam pelo mercado, mas por outras paragens.

A maior força de inclusão chama-se solidariedade. Não se trata de simples atos solidários, os quais sempre houve e ainda há em momentos de catástrofes, mas de uma cultura da solidariedade. Isso significa que se cria um conjunto de símbolos, uma visão de mundo, uma compreensão das relações humanas pessoais e sociais, uma estruturação dos mecanismos econômicos, dos dispositivos políticos, de regulações sociais, de artes e comportamentos, enfim, todo o conjunto da vida humana, em um espírito solidário. Acorda-se solidário. Vai-se ao leito solidário depois de respirar e espirar um ar solidário durante todo o dia.

A ética possui enorme força de inclusão. Ela define a práxis humana a partir do valor e não da eficácia pragmática e técnica. Exerce uma função crítico-normativa. Os seres humanos encontram nela uma plataforma comum para construir a sociedade inclusiva. A carta dos Direitos Universais da ONU oferece uma base importante. Está-se em via de criar uma Carta da Terra. Encontros internacionais organizados, tanto pela ONU, quanto por órgãos do mesmo nível, têm criado importantes bases de consenso sobre valores sobre os quais se torna viável uma sociedade participativa e solidária.

As sociedades do futuro anunciam-se como sociedades do saber. As reivindicações de pão para todos, ainda importantes e infelizmente longe de terem sido satisfeitas, não são suficientes. Exigem-se cada vez mais a socialização do saber e uma educação da nova geração para ser capaz de criar saber e não simplesmente reproduzi-lo ou mantê-lo meramente atualizado. A inclusão se faz por uma pedagogia conscientizadora e libertadora nas pegadas de Paulo Freire e por um tipo de saber que não simplesmente produz e repete o já feito alhures, mas responde com originalidade às demandas da situação presente do país.

A sociedade tradicional preocupava-se com definir as essências, as realidades objetivas, gerando a sensação de domínio sobre ela. Na mesma direção encontra-se a sociedade industrial. Os cientistas, os estudiosos debruçam-se sobre o real para analisá-lo, conhecê-lo e assim promover o desenvolvimento tecnológico. Valorizam-se o término da pesquisa, os produtos do conhecimento que se vulgarizam por todo o mundo industrializado. A sociedade inclusiva põe no centro de suas preocupações a relação. A pergunta central não é o que é uma coisa ou para que serve, mas que relação ela cria em torno de si. Que tipo de ser humano ela supõe ou engendra. Já não se

entende um antropocentrismo e muito menos um androcentrismo, mas um ser humano em uma relação teocósmica. Todas as nossas relações são percebidas na sua dimensão pedagógica em vista de criar ou impedir a construção da sociedade inclusiva.

A inclusão passa hoje pela solidariedade midiática. A tecnologia da comunicação possibilitou uma globalização da cultura de modo que os valores, as notícias, as informações, as operações econômicas circulem pelo mundo em tempo real. O mundo financeiro e os oligopólios da comunicação se têm aproveitado ao máximo dessas possibilidades de tal modo que a globalização midiática quase se identifica com seus interesses. A sociedade inclusiva é desafiada a usar os mesmos recursos tecnológicos, criando uma gigantesca rede de solidariedade mundial para defender os direitos de todos os excluídos e promover uma inclusão solidária e global.

Uma lição que nos deixou a queda do socialismo foi a convicção do total fracasso de uma sociedade baseada no partido único. Não existe inclusão válida a partir de uma autoridade única ou um pensamento único. A inclusão se constrói no consenso diferenciado que implica uma base comum e a aceitação, o respeito e a valorização das diferenças. O princípio da igualdade não significa unificação nem igualização, mas que todos igualmente se realizem na sua diferença e na sua originalidade. A pluralidade tornou-se dado absolutamente decisivo no pensar moderno. Veio para ficar.

A sociedade inclusiva não se constitui a partir de cima, de um poder central único. Nasce do somatório de inúmeras pequenas práticas sociais de inclusão em uma gigantesca rede local, regional, nacional e mundial. A imagem dos círculos concêntricos que se formam sobre a superfície de um lago tranqüilo, ao ser ferido por uma pedra, simboliza a nova sociedade inclusiva. Os círculos têm todos os tamanhos. Cada um, cada grupo, cada movimento, cada organização, cada entidade colabora com sua prática inclusiva. O resultado é o crescente surgimento da sociedade inclusiva. A imagem do mosaico exprime ainda melhor. Cada pedrinha significa uma prática inclusiva e lentamente se forma a figura da sociedade à medida que as pedrinhas se juntam ordenada e planejadamente. Este Seminário Internacional fará com que vejamos uma quantidade enorme dessas pedrinhas já existentes e no final já teremos um vislumbre da Sociedade Inclusiva.

No momento atual aparece clara a importância da religião, seja para impedir como para criar a sociedade inclusiva. Não há paz mundial sem paz entre as religiões. A religião é excelente argamassa para o edifício da inclusão, não pela imposição de uma religião sobre a outra, mas por meio do diálogo inter-religioso, tema de ponta da teologia e da pastoral da Igreja no início do milênio.

A sociedade inclusiva é já uma realidade incipiente, mas frágil. Seu futuro não está, de modo nenhum, assegurado. Anunciada pelas práticas que discutiremos nesses dias do Seminário, pode ser abortada. Todos necessitamos do impulso da utopia a fim de perseverar nesse caminho.

A utopia é o espaço do real ainda não existente que nos move à ação. Temos direito de criar a utopia da sociedade inclusiva.

Recordo o sociólogo português Boaventura de Souza Santos, que nos reafirma de maneira lapidar a força e o direito da utopia: “Utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e por que merece a pena lutar” (**Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 323).

# Abertura

*Prof. Pe. Geraldo Magela Teixeira*

Meu caro Senhor Secretário de Estado do Trabalho;  
demais autoridades da mesa;  
autoridades universitárias;  
senhores e senhoras convidados;  
professores e alunos;  
meu caríssimo Pe. Libânio, convidado especial para esta noite.

Eu tenho a alegria de dar as boas vindas a todos vocês que vieram participar deste II Seminário Internacional de Sociedade Inclusiva. Aproximadamente setecentas pessoas se inscreveram para este Seminário, que acontece de hoje, segunda-feira, até sexta-feira. Evidentemente que, em uma sessão de abertura, não era de esperar que todos viessem, mas nós esperamos que as pessoas que vieram tenham um bom proveito dos trabalhos desta noite.

Já tivemos, no início, realmente calorosa, a presença do coral da PUC e do coral “Gente Miúda”, de Diamantina, que tanto sucesso faz naquela cidade. Nós temos que agradecer a Professora Soraya por acompanhar as crianças e pela sua presença.

**M**eus caros amigos, acredito que não há nada a acrescentar àquilo que foi dito pelo Padre Libânio quando deu, sem dúvida alguma, uma aula sobre o tema Sociedade Inclusiva. Vocês devem ter notado que ele trabalhou hoje como professor, e, sempre que o virem trabalhar, ele estará trabalhando como professor, pois talvez este seja um dos títulos que ele mais estime –, prendeu-se muito pouco à tribuna porque quis estar mais próximo dos alunos. Há muito pouco ou nada a acrescentar, acredito que ele deu uma idéia muito exata do que seja a inclusão em uma Sociedade Inclusiva.

Eu queria dar o testemunho de um livro que ganhei de uma pessoa certamente bastante envolvida com o mercado e que foi feito para uma sociedade capitalista, mercantilista, **O desafio aos deuses**. Para se ter uma idéia do nível do livro, ele tem o prefácio de Daniel Dantas e do Pêrsio Arida. São dois ícones da economia brasileira. **O desafio aos deuses** é um livro fascinante e até aconselho sua leitura, pois pode

ser lido de vários modos. Ele nos dá algumas dicas, inclusive para um tema como este que é o da Sociedade Inclusiva, por que a história avança, por que o homem avança na história, por que as sociedades avançam. Comenta que as sociedades praticamente não avançaram quase nada a não ser no início dos tempos modernos, que a sociedade grega, por exemplo, teve algumas invenções maravilhosas, como a do matemático que disse “me dê uma alavanca, que eu vou levantar o mundo”, mas que nunca levantou, pois não arranjou a alavanca. Relata ainda que justamente Laplace conseguiu formular razoavelmente aquilo a que ele chama de teoria do risco. Laplace afirma, em outras palavras, que a história se repete, mas nem sempre. Nesse “mas nem sempre” está o risco e a capacidade que o homem tem de mudar a história e, no nosso caso específico, de produzir a inclusão. Se nós nos contentamos com a idéia de que a história se repete, o câncer mata, a sociedade neoliberal é inquestionável, evidentemente sem acrescentar a expressão “mas nem sempre”, é evidente que as coisas nunca mudarão. As coisas só vão mudar na medida em que nós conseguirmos atingir o limite do risco, inclusive do risco pessoal. Fora isso, será o pleno conformismo.

Ontem eu estava lendo Alberto Dines – ele cita uma regra sobre o tempo em que nós estamos vivendo, de um dos livros que me são mais caros, que é **A peste**, de Alberto Camus. Conta em sua coluna que a peste começou na Argélia, com os ratos, os quais morriam por toda parte, enchiam as ruas, as casas, os quartos e as cozinhas. A peste atingiu a população, que também morria por toda parte. Entretanto, dois médicos, medíocres até aquele momento, conhecidos de Camus, ou pelo menos criados por ele, que resolveram enfrentar o risco. Resolveram entrar pela cidade e tentar atender os doentes, colocar uma barreira naquela peste que assolava toda a sociedade argelina naquela época.

Eu acredito que a sociedade inclusiva é feita de pequenos gestos, como cuidar mais para que as pessoas tenham acesso a determinados locais. No curso de psicologia, temos já algumas aulas que são dadas com o auxílio da gesticuladora. Chama-se intérprete, não se pode falar com gestos ou mímica, pois é politicamente incorreto. A sociedade inclusiva se faz com pequenas coisas, mas se faz também com muita coragem, ainda que todos não a tenham.

Ao Bonifácio e a toda sua equipe, a Rosa, a todos que vão participar deste seminário, desejo felicidades. A Universidade deseja que tenham muito êxito e que o mesmo traga frutos e um pouco mais de esperança para a humanidade, assim como a realização de tantas expectativas que andam por aí.

Muito obrigado.